

Etnia e memória na formação das identidades

Dilza Pôrto Gonçalves

Observando os “*alemães*”, atualmente em Canguçu, município ao Sul do Rio Grande do Sul, percebemos a persistência de conflitos quando usam termos pejorativos ou tentam evitar casamentos com “*brasileiros*”. Como “*alemães*” reconhecem-se e são reconhecidos alemães e seus descendentes assim como qualquer que se reconheça como descendente germânico. Como “*brasileiros*”, são reconhecidos os nativos ou os que chegaram primeiro ao território, que na maioria das vezes são luso-brasileiros. Dentro do grupo “*alemães*”, há duas categorias reconhecidas pelo grupo: os “*alemães legítimos*”¹ e os “*pomeranos*”², que são chamados muitas vezes de “*pomberanos*”³

Para realização deste trabalho foram utilizadas bibliografias sobre etnia, memória e identidade e usada a metodologia de História Oral.

Quando tratamos sobre etnia e grupos étnicos, recorremos a conceitos da Sociologia e da Antropologia, às obras de Max Weber⁴, Fredrik Barth⁵ e Roberto Cardoso de Oliveira⁶.

Podemos associar a memória coletiva à formação de identidades. Félix⁷, associa a identidade aos espaços. Para ela, é “onde estão fixadas as lembranças de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários”. Ainda diz que “a busca de identidade (s), elemento essencial à memória, é uma das necessidades/atividades fundamentais da sociedade humana (1998:42). A memória é bastante utilizada para criar ou reafirmar identidades. Ao rememorar, evocam-se categorias relevantes àquele grupo social e quando se evoca a memória, usando a História Oral, percebe-se que várias camadas de tempo se entrecruzam. Além disso, é fundamental perceber que o sujeito, ao rememorar, está fazendo um trabalho. Vale lembrar que o sujeito é social, temporal, que está num lugar social e histórico e tem suas próprias interpretações do passado e depende do momento vivido. Quando “se constrói a

memória, ela é reinventada, tanto a individual, quanto a coletiva⁶, já que está ligada ao afetivo, ao emocional, e assim também se constroem identidades.

A História Oral nos possibilitou obter dados importantes para pesquisa. Marieta Ferreira⁸ nos coloca a História Oral como “método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou de indivíduos em uma dada sociedade” (1994,p.11).

No universo deste trabalho, os depoentes têm idade entre 64 e 82 anos, são alemães ou descendentes, e, ainda, descendentes de pomeranos; a maioria estudou até a 5ª série, mas detém um capital cultural significativo que não condiz com o nível de escolaridade, sendo que alguns falam dois ou três idiomas. As profissões da maioria dos imigrantes na Alemanha, segundo os depoentes, variavam desde fotógrafo, marceneiro, professor, engenheiro, juiz de paz, entre outros, não eram agricultores e só foram transformados em colonos quando chegaram ao Brasil. Percebe-se que os depoentes têm um nível socioeconômico médio, além de terem um acúmulo de capital cultural⁹. Apesar disso, foram colocados numa condição de isolamento, quando foram transformados em colonos, na zona rural de Canguçu. Esses imigrantes chegaram a Canguçu após migrações internas, pois a maioria das famílias é oriunda de colônias de São Lourenço do Sul.

As entrevistas foram realizadas entre janeiro e março de 2004, nas casas dos depoentes juntamente com suas famílias. Também foram utilizados fotos, livros, cartas e objetos, os quais favoreceram a rememoração. Segundo Célia Lucena¹⁰, nas interpretações das entrevistas, a casa tem uma complexidade que nos fornece imagens para análise das representações do espaço deixado e do espaço conquistado. A autora cita Bachelard que diz que “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz, freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”. Ainda completa que “a casa possui o jeito da família (...) Pelo imaginário, fantasias e sonhos, as diversas moradas interpenetram-se e guardam os tesouros dos dias antigos. O depoente se apega

aos objetos, que são transformados em tesouro, pois são dotados de significação” (apud. Von Simson, 228).

Os depoentes foram questionados sobre a chegada de seus antepassados e deles mesmos em Canguçu, como teriam sido as relações entre os recém chegados e os habitantes do local, bem como, as relações que têm mantido nestes 180 anos de imigração germânica no Rio Grande do Sul.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes germânicos, por volta de 1824, até hoje, a preservação da germanidade é vista como não assimilação da cultura nacional. Isso era mais evidente em determinados períodos, principalmente durante o Estado Novo, quando o nacionalismo brasileiro estava em destaque e a preservação da germanidade soava como um “perigo”. Os conflitos dos anos 30 e 40 parecem estar presentes na memória dos indivíduos entrevistados.

As dificuldades durante a viagem e a adaptação estão representadas nos ideais do pioneiro. Eles tentam rememorar uma Alemanha que mal conheceram através das lembranças e saudades dos pais. A Alemanha, mesmo distante, é o referencial para o grupo identitário.

Em momentos traumáticos, a violência muitas vezes é esquecida pelas pessoas envolvidas. Quando os entrevistados são interpelados sobre os casos de violência ocorridos em Canguçu durante a Segunda Guerra Mundial, mais visíveis neste período, fazem questão de ressaltar que em suas famílias não houve perseguição. Acrescentam que eram “bem vistos” na localidade. Geralmente, destacam o papel do pai como “homem de bem” e que tinham um bom relacionamento com os “brasileiros”. Ao mesmo tempo em que os alemães tentam negar as violências sofridas, a memória delas pode ter agido na formação das identidades.

Não podemos deixar de lembrar que em algumas localidades houve uma maior integração, onde “brasileiros” e “alemães” casam-se ou participam juntos na mesma comunidade, integrando-se totalmente aos costumes da sociedade brasileira.

Nas comunidades luteranas na zona rural do município de Canguçu, observa-se muito a memória reinventada abordada por Hobsbawm¹¹ nos rituais da comunidade, como casamentos, jogos, festas (quermesses). Através da comemoração e da repetição, cria-se uma relação com o passado. Verifica-se nessas colônias “*alemães*” a mistura de tradições que não existem mais na Alemanha. Portanto, mesmo em terras distantes, os descendentes de alemães querem manter identidades passadas, que segundo Boaventura Santos¹² são híbridas, porque já foram transformadas.

Segundo Carlos Fortuna¹³, os filhos de imigrantes neste caso até mesmo netos e bisnetos, movem-se entre fronteiras, onde as “portas” e as “pontes” da imigração ora abrem, ora fecham para desenrolar uma identidade que caminha entre dois pólos: o “regresso” a uma origem representada ou a “permanência” numa cultura adaptada.

Ao trabalhar com a memória do grupo podemos identificar representações que os identificam como grupo social. Talvez a contrastividade identificada entre os “*alemães*” e os “*brasileiros*” possa estar relacionada à identidade do grupo, ou ainda aos casos de violência que aqueles sofreram ao longo de sua história. Os conflitos étnicos que se observam em Canguçu talvez pertençam a este contexto, pois os “*alemães*” se afirmam como grupo identitário destacando as diferenças que têm dos “*brasileiros*”. Constata-se, também, que havia um contato entre os grupos, embora fosse de forma hierarquizada. Temos alguns exemplos desse fato identificados nas entrevistas, quando uma entrevistada diz que em sua casa, eles têm contato com os ‘*brasileiros*’, *porque estes trabalham como empregados de sua família*”. Também diz que os “*brasileiros*” eram “*relaxados*”, porque não construíam e nem eram sócios de nenhuma igreja. Com isso, ela tenta afirmar a superioridade de sua etnia, como mais “*organizados*” e “*caprichosos*”.

Nem “*brasileiros*” e nem “*alemães*” vêem o outro grupo como membro da “*boa sociedade*”¹⁴. Essa afirmação pode ser averiguada através de alguns depoimentos: “*os rapazes brasileiros podiam dançar com ‘aquelas alemoa’, mas as moças deles não podiam ir dançar com os alemães*” (Elfrida Bull, entrevista em 10/02/2004). O que percebemos aqui é uma forte diferenciação de

grupos, pois os “*brasileiros*” consideravam-se “*superiores*” aos “*alemães*”, mas, ao criticá-los, os “*alemães*” também demonstram superioridade. No depoimento, podemos ver que havia uma discriminação dos “*brasileiros*” em relação aos alemães, porque não deixavam suas filhas freqüentarem os bailes dos alemães. Ademais, é observada a criação de uma rede de fofocas para justificar o que um grupo pensa sobre o outro, assim reafirmando suas identidades. Um neto de alemães, ao falar dos “*brasileiros*”, destaca também a diferença entre eles e reforça o contato hierarquizado entre os grupos.

No início parece que os “*alemães*” foram estigmatizados¹⁵. Hoje parece que está ocorrendo o caminho inverso, para se afirmarem como grupo, os “*alemães*” estigmatizam os “*brasileiros*”, destacando suas falhas e defeitos. Mesmo dentro dos grupos, o estigmatizado sempre é o outro, como “*o pomberano que é o pobre*”, “*o brasileiro que é o relaxado*”.

Os “*alemães*” sempre destacam o conhecimento como um dos diferenciais em relação aos “*brasileiros*”, pois estes, segundo eles, “*não se preocupam em dar uma escola aos filhos*”, que para os “*alemães*” é tão importante e significativa a escola quanto a Igreja. Muitas vezes escola e igreja são construídas no mesmo local, quando a própria igreja não serve de escola, e o professor, na maioria das vezes, é o próprio pastor da comunidade. Sem dissociar aí o estudo da língua alemã, fundamental na preservação da germanidade, distintivo de grupo.

Além de se diferenciarem dos brasileiros, dentro do grupo “*alemães*”, há duas categorias que podem ser definidas pelos entrevistados em “*alemães legítimos*” e os “*pomeranos*”, algumas vezes chamados de “*pomberanos*”. Quem seriam os “*alemães legítimos*” para o grupo dos “*alemães*”? Seriam aqueles oriundos da Alemanha, depois da unificação, e que sabem falar o “*alemão fino*” ou o “*alemão alto*”. Mais tarde, observamos que somente falar o “*alemão alto*” não distinguia “*alemão legítimo*” de “*pomberanos*”, porque todos que estudaram em escolas das igrejas, organizadas nas comunidades alemãs, até o Estado Novo, aprenderam a ler e escrever em “*alemão legítimo*”, ou seja, em alemão culto. O que então parecia ser um diferencial deixa de ser. Como, então, diferenciar “*alemães*” e “*pomberanos*” se todos os entrevistados faziam questão de

destacar a legitimidade de seu alemão? O diferencial “*alemão legítimo*” e “*pomberano*” são representações criadas pelos imigrantes para fazer a distinção de grupo na nova terra. Examinando as entrevistas, pode-se perceber a diferença entre os grupos. A senhora Ilse Bláas fala da Pomerânia: “*A Pomerânia tu sabe o que é, né? É um país pequeno, perto da Alemanha, só que não tem bandeira*”. Notamos na fala da depoente um ar de superioridade e desdém em relação à Pomerânia, o que exemplifica a diferenciação dentro do grupo “*alemães*”. Os pomeranos, na Europa, eram vistos como servos dos latifundiários alemães, então, aqui ninguém quer ser reconhecido como “*pomberano*”, todos se julgam descendentes do “*alemão legítimo*”. Embora a maioria das pessoas fale o dialeto pomerano, justificam dizendo que aprenderam com as pessoas do lugar e quase nunca com a família. Quando sabem que existe um antepassado com origem pomerana, fazem questão de ressaltar a outra linhagem de família com descendência do “*alemão legítimo*”.

Nesse caso, constatamos que os “*alemães*” são aquelas pessoas que se autodenominam “*alemães*”, que rememoram tradições e conceitos de uma Alemanha que não existe mais, mas que está presente na memória dos imigrantes e seus descendentes. O ideal do pioneiro está presente para demarcar fronteiras, principalmente porque resalta o “*alemão*” como trabalhador, contrapondo-o ao “*brasileiro*”, que tem fama de preguiçoso e relaxado, como demonstram alguns do entrevistados. Bourdieu¹⁶ destaca que “*as categorias, segundo as quais um grupo se pensa, e segundo as quais ele representa sua própria realidade, contribuem para a realidade do próprio grupo*” (1996:123). O que nos interessa, portanto, é perceber quem são as pessoas que se identificam como “*alemães*”, por que elas estão agindo para formarem uma identidade de um grupo. Para isso, é preciso destacar as diferenças do grupo com o qual têm mais contato, no caso, o dos “*brasileiros*”.

Ainda hoje, observamos os “*alemães*” tentando reforçar a germanidade e fortalecer o grupo, quando, por exemplo, se ouvem comentários pela cidade que “*quando alguém instala uma loja ou um supermercado na cidade tem que colocar o nome do dono na fachada, se for ‘alemão’, vai*

progredir, porque vai vender para os ‘colonos’. E quando se questionam os entrevistados sobre isso, respondem: “*Aqui em Canguçu, até o pessoal da colônia, mais ou menos, está dominando a cidade. Os principais comércios já estão com os alemães*” (Ervin Neutzling, 22/01/2004).

Até mesmo alguns partidos políticos parecem tirar proveito dessa idéia bastante difundida pelo município, pois no pleito eleitoral, de 2004, procuraram candidatos “alemães” para comporem suas chapas. Em Seyferth¹⁷ observamos que a etnicidade pode estar sendo usada para obter vantagens.

Neste aspecto, observamos que a etnia passa a ser usada para ocupar espaços dentro do campo político e econômico. O fortalecimento da germanidade serve para ocupar espaços que eram restritos aos luso-brasileiros. O ideal de pioneiro do trabalhador está reforçando qualidades ao ideal de trabalhador brasileiro, tão valorizado durante o Estado Novo. É interessante lembrar que, no Estado Novo, reforçava-se o ideal de trabalhador, mas se condenava a germanidade.

Hoje a germanidade está diretamente associada à idéia de trabalho, ordem e progresso. A germanidade está sendo utilizada para beneficiar o grupo, o que antes era um estigma é visto como uma qualidade e pode estar sendo utilizada pelo grupo para tirar vantagem no campos político, social e econômico.

¹ Para o grupo “alemães legítimos” são aqueles que falam o “alemão fino”, pois estes teriam vindo de territórios da Alemanha já unificada.

² “pomberanos” seriam os que teriam vindo da Pomerânia e, por isso, falam o dialeto característico daquela região.

³ “pomberano” é o termo utilizado por muitos entrevistados para se referirem aos pomeranos.

⁴ WEBER, Max. *Relações comunitárias étnicas*. IN: WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Vol. 1, 4ª ed. Brasília: Editora UNB, 2000. Para o autor, “grupos étnicos são aqueles grupos humanos que, em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva”. Segundo ele, “é produto de um sentimento de comunidade” (2000, p. 270).

⁵ BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. IN: POUTIGNAT STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. da UNESP, 1998. “Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formavam grupos étnicos neste sentido organizacional. As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes” (1998:194).

⁶ OLIVEIRA, R. C. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. Segundo o autor, "(...) a identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é reflexo daquela.(...) O conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações. No âmbito das relações interétnicas este código a se exprimir como um sistema de oposições ou contrastes.(...) Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente"(1976:5).

⁷ FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998: 35-55

⁸ FERREIRA, M. M. (org.) *Entrevistas e abordagens da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

⁹ BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982. Segundo Bourdieu "a aptidão para pensar objetos quaisquer e ordinários está fortemente ligada ao capital cultural herdado ou adquirido escolarmente"(1989:90). No caso dos entrevistados esse capital cultural parece ter sido adquirido pela herança familiar, principalmente pelos livros alemães que guardam e têm lugar de destaque em suas casas.

¹⁰ IN: VON SIMSON, O. M. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Editora do Centro de Memória, 1997.

¹¹ HOBBSAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997:9-24; 175-218.

¹² SANTOS, B. de S. *Modernidade, identidade e cultura de Fronteira*. In: Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 38. Coimbra, Dez 1993, p. 11-39.

¹³ FORTUNA, Carlos & outros. *Os novos espaços públicos: identidades práticas culturais*. In: Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 54. Coimbra: jun. 1999, p. 137-170.

¹⁴ ELIAS, N. & SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir da pesquisa de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2000.

¹⁵ GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia L. Nunes. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989 O indivíduo estigmatizado - terá motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provam uma interação angustiada. [...] O indivíduo estigmatizado ou é muito agressivo ou muito tímido e que em ambos os casos, está pronto a ler significados não intencionais em nossas ações (1988:27).

¹⁶ BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

¹⁷ SEYFERTH, G. *Pluralismo, Etnia e Representação Política*. IN: PALMEIRA, M.; GOLDMAN, M. (org.) *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996. Glazer e Moynihan (1975) também observam a eficácia da etnicidade no âmbito do estado de bem-estar social e em seu uso para obter vantagens políticas e econômicas em situações de desigualdade social. (...) Consideram que a etnicidade é o mais do que simples meio de obter vantagens, funcionando como um poderoso princípio organizador, na medida em que diferenças étnicas são mais irreduzíveis. Como também observou Cohen (1974), nas situações onde a etnicidade é questão relevante, as categorizações étnicas não são conceitos neutros, mas símbolos que provocam fortes emoções. A etnicidade é eficiente como princípio organizador porque pode combinar os interesses individuais e grupais com a afetividade (1996:119).